

FALAR INGLÊS É DIFÍCIL?

SPEAKING ENGLISH: IS IT DIFFICULT ?

Elisa Probst Hausmann

Mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (FURB)
Professora de Língua Inglesa do Departamento de Letras da Universidade Regional de Blumenau (FURB)
E-mail: elisah@furb.br

Diva Rangel Martinelli

Mestre em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (FURB)
Professora de Língua Inglesa do Departamento de Letras da Universidade Regional de Blumenau (FURB)
E-mail: diva@furb.br

RESUMO

No terceiro milênio, aprender inglês tornou-se uma ação útil por razões econômicas e socioculturais. O grande salto na produção do conhecimento, a acessibilidade de informações, a diminuição das fronteiras e a internacionalização da educação fazem com que os indivíduos se tornem falantes de línguas estrangeiras e busquem práticas que os tornem o mais fluentes possível. Falar uma língua estrangeira, contudo, é saber emitir opiniões, fazer e responder perguntas, ter a capacidade de emitir todos os sons da língua e ter maturidade verbal e lexical para escolher como, quando, o que e a quem dizer a idéia que se quer expressar. Este artigo provoca algumas reflexões acerca do perfil do aprendiz, seu interesse e motivação, além de rever o conceito de competências.

Palavras-chave: Bilíngüe. Falante. Competência. Habilidade da fala. Fluente.

ABSTRACT

In the third millennium, learning English has become a useful action for economic and sociocultural reasons. The great leap in the knowledge production, the access to information, the shortening of frontiers and the education internationalization bring about individuals who can become foreign language speakers and who seek for a practice that can lead them to be the most fluent as possible. Speaking a foreign language, however, is to know how to give

opinions, ask and answer questions, have the capacity of emitting all the language sounds and have verbal and lexical maturity to choose how, when, what and to whom telling the idea you want to express. This article induces some thoughts about the profile of the language learners, their interest and motivation, and, in addition, reviews the concept of competence.

Key-words: Bilingual. Speaker. Competence. Speaking ability. Fluent.

INTRODUÇÃO

Em um mundo cada vez mais globalizado, o ser humano não tem uma só nacionalidade. Ele se transformou, ao longo do tempo, em cidadão do mundo, capaz de falar várias línguas. Note-se que falar mais de um idioma em alguns países não é diferencial, mas sim exigência do próprio estilo de vida, proximidade de fronteiras, bilingüismo dos lares ou mesmo necessidade de quem quer conhecer, desvendar e aculturar-se em muitos universos sociais.

No terceiro milênio, aprender inglês tornou-se uma ação útil por razões econômicas e socioculturais. A acessibilidade de informações da era moderna está disponível ao toque de nossos dedos e a maior parte em inglês. Ignorá-la significa marginalizar-se no sentido mais amplo possível. Revertendo esta situação, o homem contemporâneo parte para o estudo da língua inglesa porque esta lhe proporciona o poder de comunicar-se nos quatro cantos do mundo.

O QUE SIGNIFICA SER FALANTE DE UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA?

Quando um aluno matricula-se em um curso de línguas, um de seus maiores objetivos é falar a língua em questão, ou seja, comunicar-se verbalmente nesta língua. De acordo com Penny UR, “é como se a fala inclísse todos os tipos de conhecimento” (1996, p. 120). Falar uma língua estrangeira é, então, a habilidade almejada pela maioria dos alunos. Habilidade esta que requer persistência, estudo, paciência e dedicação para ser desenvolvida, além de outros fatores.

Não se pode esquecer ainda que, com toda a evolução tecnológica, as fronteiras geográficas diminuíram e a capacidade de ouvir e falar são as primeiras a serem postas em prática quando qualquer contato social se inicia. A língua é viva, modela-se, forma padrões e

condutas, influencia idades, confere personalidade, e o falar é o demonstrativo de tudo isto em primeira instância. Uns falam com os outros muito mais rapidamente do que escrevem ou lêem mensagens. Por causa disto, falar é sempre a habilidade mais almejada.

Falar uma língua estrangeira, contudo, não é apenas repetir ou decorar frases básicas que façam sentido dentro de um contexto. Falar é saber emitir opiniões, fazer e responder perguntas, ter a capacidade de emitir todos os sons da língua e ter maturidade verbal e léxica para escolher como, quando, o que e a quem dizer a idéia que se quer expressar.

O QUE FAZ COM QUE UM ALUNO APRENDA A FALAR MAIS RAPIDAMENTE DO QUE OUTRO?

Não se pode negar que a personalidade do aluno representa, sobretudo, uma alavanca no seu aprendizado. Além da personalidade, a motivação e outros fatores tais como o maior ou menor grau de ansiedade, a capacidade de assumir riscos e permitir-se errar, a confiança pessoal, através de uma personalidade segura, a utilização de métodos e estratégias adequadas, o grau de interesse e necessidade são variáveis que precisam ser consideradas. Também é importante refletir sobre o que vem a ser competência comunicativa e competência lingüística.

De acordo com Nunan (1995), as características da competência comunicativa vão de saber articular sons de forma compreensível a ter uma quantidade adequada de vocabulário e dominar a sintaxe. A estes elementos soma-se a competência lingüística. Contudo, prossegue o autor, a competência lingüística é necessária, mas não é suficiente para alguém que queira comunicar-se de modo competente em outra língua.

Para Richards, Platt e Weber (1985) a **competência comunicativa** inclui:

- a) conhecimento da gramática e vocabulário da língua;
- b) conhecimento das regras da fala. (por exemplo: saber como iniciar e terminar um diálogo, que tópicos podem ser abordados em diferentes tipos de discurso e que formas de tratamento devem ser usadas para cada pessoa em situações diferentes);
- c) conhecimento de como usar e responder a diferentes tipos de discurso, tais como pedidos, desculpas, agradecimentos e convites; e
- d) saber como usar a língua apropriadamente.

Assim sendo, a capacidade de falar é muito mais complexa do que simplesmente “conhecer” sons, frases e regras de gramática. Ela transcende e aglutina a competência comunicativa e a competência lingüística. Mas, novamente pensando nas características psicológicas de cada aprendiz, observa-se que o fator ansiedade faz com que alguns alunos bloqueiem sua fala quando chamados à participação. Esquecem do conteúdo quando submetidos a testes. Falam apenas quando têm certeza de que o que estão comunicando está gramaticalmente correto. A ansiedade também faz com que alguns alunos deixem de participar ativamente das aulas. Aprendizes que são capazes de assumir riscos participam de forma mais ativa das aulas quando a habilidade oral é mais exigida. Permitem-se errar, não se sentem constrangidos quando corrigidos pelo professor ou por algum colega de classe. Não se intimidam por ser alvo de crítica ou chacota do grupo. Para estes alunos, o importante é estar praticando, usando a língua em situações mais reais e não apenas emitir mensagens gramaticalmente corretas. A confiança pessoal é um dos maiores alicerces para o aprendiz no momento de se comunicar verbalmente. Quem é confiante sabe aonde quer chegar, estabelece metas e cria suas próprias estratégias de aprendizagem, respeita seus limites e confia em suas potencialidades sem discriminar-se intimamente.

O aluno motivado tem maior interesse e rendimento em sala de aula. Porém, cabe ao professor, através de seu comportamento e entusiasmo, provocar o aprendiz despertando seu interesse e envolvendo-o com o assunto (HARMER; JEREMY, 1998).

De acordo com os lingüistas, existem dois tipos de motivação: a intrínseca e a extrínseca. A motivação intrínseca parte do aluno, de seu desejo, de sua vontade de aprender. A extrínseca, por outro lado, vem da necessidade externa de aprender, como, por exemplo, passar em exames, conseguir um bom emprego, ter oportunidade de viajar para um país onde se fala a língua-alvo.

ENTÃO, O QUE SERIA REALMENTE FALAR UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA?

Falar uma língua estrangeira é comunicar-se eficazmente nesta língua. Envolve o desenvolvimento de várias competências: **competência lingüística, competência comunicativa e competência sócio-cultural.**

A competência lingüística está ligada a aprender como a língua funciona lexical e gramaticalmente. A competência comunicativa significa saber como veicular uma mensagem de forma a se fazer compreender adequadamente. Já a competência sócio-cultural envolve a forma adequada de se expressar em cada meio, em cada contexto social, dentro das diferentes culturas de cada grupo ou país.

Infelizmente, um dos grandes erros no processo ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira é o fato de se privilegiar apenas a competência lingüística. Com este erro, esquece-se que muitas pessoas são fluentes em um idioma sem jamais tê-lo estudado na forma gramatical ou normativa.

Conclui-se, então, que *falar* uma língua estrangeira é um processo complexo. Não se resume à memorização exaustiva de um conjunto de frases ou regras gramaticais. Requer muito mais. Pode-se talvez comparar a uma orquestra, na qual todos os membros precisam tocar juntos, afinados. Requer prática e muito treino. Treino este que pode ser mais ou menos árduo, dependendo de como o professor seleciona e encaminha as tarefas em sala de aula, das estratégias de aprendizagem adotadas pelo aluno, de sua motivação, e dos aspectos cognitivos e afetivos envolvidos em sala.

É muito importante que cada aprendiz adquira um nível de automatismo em todas as frases que aprende. Falar bem uma língua estrangeira depende também do contexto onde esta aprendizagem ocorre. Um ambiente de sala de aula que eleve a confiança e a auto-estima dos alunos é o ideal. Este contexto não se aplica somente ao ambiente de sala de aula, mas também ao ambiente do lar. Por exemplo, uma família que incentiva a aprendizagem de línguas e dá suporte ao processo que ocorre em sala de aula também influencia a forma com que o aluno aprenderá a falar uma língua estrangeira.

Um contexto de aprendizagem que contemple a cultura da língua-alvo é o ideal. Exemplificando, alguns alunos têm a oportunidade de viajar para o exterior para praticar uma língua estrangeira, ou de lá realizarem cursos de aperfeiçoamento. Contudo esta não é condição básica para que um aluno fale bem uma língua estrangeira. Os aspectos anteriormente mencionados são bem mais significativos do que este, pois aprender uma LE envolve construção do conhecimento. Uma construção que só se obtém quando o aluno é “participante ativo no processo de aprendizagem” (WILLIAMS; BURDEN, 1997, p. 13). Quando ele se expõe em sala de aula, interage e não tem medo de errar.

Resumindo, o mais importante é *falar* a língua que se quer aprender. A forma que é dada a este falar vem com o tempo, com o lapidar, com estudo e persistência. Persistência que pode e deve estar aliada ao prazer. Ao prazer de falar, de se comunicar e de se fazer entender. De se conquistar, a cada passo, o degrau que se quer alcançar dentro da comunicação. Daí para frente, falar uma LE é como aprender a andar de bicicleta, no começo cai-se várias vezes, leva-se vários tombos. Mas, com o tempo, a gente aprende a se equilibrar, andar com segurança e depois consegue até correr.

REFERÊNCIAS

HARMER, Jeremy. *How to teach English: an introduction to the practice of English language teaching*. Essex: Longman, 1998.

NUNAN, David. *Designing tasks for the communicative classroom*. 7. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1995

RICHARDS, Jack C.; PLATT, John; WEBER, Heidi. *Longman dictionary of applied linguistics*. London: Longman, 1985.

UR, Penny. *A course in language teaching: practice and theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

WILLIAMS, Marion; BURDEN, Robert L. *Psychology for language teachers: a social constructivist approach*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.